

Editorial: da importância das ciências humanas

Editorial: on the importance of human sciences

Editorial: de la importancia de las ciencias humanas

João Manuel de Oliveira^a 

^a Pesquisador em estudos de gênero, estudos críticos de sexualidades e teoria feminista. Doutor e pós-doutor em Psicologia Social. Investigador no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal. Professor Visitante da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil – E-mail: joao.m.oliveira@gmail.com

Como citar o artigo:

OLIVEIRA, João Manuel. Editorial: Da importância das ciências humanas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.52, 2018. DOI: 10.5007/2178-4582.2018.60344

Em um ambiente político mundial marcado pela longa marcha do neoliberalismo, como dito por Stuart Hall (2011), fazendo alusão à longa marcha do maoísmo, a lógica de um capitalismo de cassino coincide com mudanças no equilíbrio de forças das potências mundiais, emergência de novas relações de poder e conflitos violentos entre manter e mudar a ordem social. Nunca saímos do Estado de exceção que vivemos, que coexiste com a quase segura e esperada desregulação do Estado, sobretudo na esfera trabalhista e na economia.

Nesse quadro neoliberal, as certezas e garantias de um Estado que não deixa as pessoas para trás estão sendo substituídas pela certeza do Estado da necropolítica. Não é surpresa na África, na Ásia, nas Américas nem mesmo na Europa. No caso europeu, vemos Estados a apostar fortemente na destruição de corpos e consequente epistemicídio, para usar um conceito caro às abordagens decoloniais. Exemplo disso são os milhares de corpos mortos no cemitério que se tornou o Mar Mediterrâneo e a necropolítica aberta dos Estados que o permitem.

Esta destruição material dos corpos é acompanhada por uma tentativa de controle das economias, da soberania econômica a partir de múltiplas frentes: crises sucessivas das dívidas graças



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

à especulação financeira, bolhas imobiliárias, precariedade generalizada, gentrificação das cidades e consequente negação do direito de habitação das populações. Pela mão do mercado, que não só não é invisível, mas ainda consome recursos do estado, são destruídas as condições materiais de existência das pessoas. O colapso ecológico é acompanhado de um colapso social e psicossocial. Com estas condições, degrada-se progressivamente a condição das pessoas e induz-se a precarização das populações, como nos fala Judith Butler (2018). A precarização refere-se à indução de condições cada vez mais inóspitas e invivíveis tidas como naturais e inevitáveis. Lembremo-nos das declarações históricas de Thatcher (1981, p.1) em entrevista: “A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma.” A ideologia neoliberal centra-se nesta mudança de valores, promovendo o produtivismo e a suposta meritocracia, em que o merecimento de uns parece ser sempre maior que a desigualdade de outros e outras. Desconsiderando totalmente as condições desiguais de base, a meritocracia é um pesadelo para as populações pela forma como ignora as flagrantes desigualdades de distribuição de renda, de vulnerabilidade e de acesso, colocando tudo na esfera do merecimento. Inclusive a pobreza, que se torna uma questão estritamente individual, ou pior, de reprodução de valores “errados” por parte de determinados grupos da população. Esta visão centra-se numa ideia de indivíduo auto-contido e auto-suficiente, capaz de escolhas racionais assentes na maximização do interesse próprio.

É precisamente como forma de antídoto a esta lógica pseudo meritocrática que várias autoras, como Gayatri Chakravorty Spivak (2013), vêm falar da importância de uma educação estética que permita rearranjar o desejo para preparar a imaginação para a performance epistemológica. Ensinar a ler profundamente e a pensar éticamente para poder agir. Um agir ético, balizado e enquadrado nesse pensamento que se encontra nas ciências humanas. São as ciências humanas que habitam temática e epistemologicamente esse lugar de refletir sobre a ação humana, sobre o pensamento, sobre cultura e sociedade. São elas que fundamentam a cidadania crítica e a intervenção sobre o social, muitas vezes junto dos movimentos sociais. Daí o ataque que muitos governos no mundo ocidental têm feito, com base em argumentos do mercado, e que na realidade representam interesses totalmente opostos aos princípios do lento cozinhar do espírito, como lhe vai chamar Spivak (2013). As ciências humanas representam o processo lento e pouco produtivo (para tempos produtivistas) desse rearranjo não coercivo do desejo que nos faz reler e repensar o político, o social, o cultural. A política é totalmente central nesse processo e não há humanidades sem política. Nem modo de estudar humanidades sem ter atenção à política, sob pena dessa aparente neutralidade positivista ser ela mesma um alinhamento político. As ciências humanas são um modo diferente de pensar a cosmopolítica com agentes muito diferenciados e inesperados, um modo de inserir-se e de posicionar-se. Trata-se de um treino lento, implica desligar educação de objetivos imediatistas, de substituir gestão de conhecimento pela ideia

de uma leitura lenta que nos vai construindo como outros sujeitos. As ciências humanas são assim outros modos onde podemos desaprender a *doxa* neoliberal.

Esta revista insere-se nesse esforço de democracia, de criação de um espaço onde podemos pensar e lentamente educar-nos na desaprendizagem do neo-liberalismo. Este número que apresentamos corresponde também a um esforço de nos repensarmos e nos reposicionarmos. A Revista mudou o seu corpo editorial e contamos com novos nomes nacionais e internacionais para coletivamente contribuir para a publicação de trabalhos relevantes nas ciências humanas, gerar mais espaços para a existência destas, vendo-as como processo contínuo de rearranjo dos desejos. A visão editorial desta revista implica pensar e publicar trabalhos de ciências humanas que nos ajudem a criar caixas de ferramentas para pensarmos o mundo e a sua mudança. "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo" (MARX; ENGELS, 2007 p. 535), como afirma a tese 11 desta obra que inspira também o nosso trabalho.

A Revista continua firme no seu propósito de dar a conhecer as ciências humanas em acesso aberto, livre e gratuito, financiado publicamente. Esta Revista apoia a democratização do conhecimento, da universidade e o seu alargamento de classe, raça, gêneros, sexualidades, para com isso e a partir disso, apoiar o desenvolvimento dos conhecimentos das ciências humanas. Isso significa, para nós, mais democracia e é essa a tarefa a que esta Revista se propõe. Boa leitura.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, 264

HALL, Stuart. The neoliberal revolution. **Soundings**, 48, p. 9-27

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. S. Paulo: Boitempo, 2007, p. 616

SPIVAK, Gayatri C. **An aesthetic education in the era of globalization**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013, p. 624

THATCHER, Margaret. Economics is the method, the objective is to change the soul. **Sunday Times**, Londres, 3 maio, 1981, p.1

Histórico

Recebido em: 30-11-2018

Aceito em: 3-12-2018